



Dossiê II Congresso Internacional Psicanálise e Filosofia: Psicanálise e os Labirintos da Alma

doi A condição humana entre a angústia, o desespero e a crise do existir: a teleologia como sistema de defesa frente à miséria humana

The Human Condition Between Anguish, Helplessness and the Crisis of Existence: Teleology as a Defense System Against Misery

ID João Victor Ponciano

Resumo: Pretende-se, neste artigo, estabelecer um diálogo entre psicanálise e filosofia acerca da questão do desamparo. Nossa principal tese defendida neste trabalho se concentra em apontar a teleologia como um dos maiores mecanismos de defesa da humanidade frente a suas misérias existenciais. Nesta empreitada foram utilizados textos de Freud que buscam refletir demandas sociais, política e antropológicas que acabam remetendo a tema do desamparo, são estes *O Futuro de uma ilusão* (1927); *Psicologia das massas e análise do eu* (1921); assim como, *Totem e Tabu* (1913), foram cruciais nesta empreitada para desenvolvimento deste artigo. E no que toca a filosofia, trouxemos para o desenvolvimento da discussão, os filósofos alemães Ludwig Feuerbach tecendo sua crítica visceral à religião e Friedrich Nietzsche com a crítica ao niilismo.

Palavras-chave: desamparo; teleologia; poder; salvação; ilusão.

Abstract

This article aims to establish a dialogue between psychoanalysis and philosophy on the issue of helplessness. Our main thesis defended in this work focuses on pointing out teleology as one of humanity's greatest defense mechanisms against its existential miseries. In this endeavor, we used texts by Freud that seek to reflect social, political and anthropological demands that end up referring to the theme of helplessness, such as *The Future of an Illusion* (1927); *Mass Psychology and the Analysis of the Ego* (1921); as well as *Totem and Taboo* (1913), which were crucial in this endeavor for the development of this article. And with regard to philosophy, we brought to the development of the discussion the German philosophers Ludwig Feuerbach, weaving his visceral critique of religion, and Friedrich Nietzsche with his critique of nihilism.

Keywords: helplessness; teleology; power; salvation; illusion.

1. A teleologia como válvula de escape e ponto de encontro com a salvação e poder

Estamos dispostos a defender a tese que os discursos teleológicos não passam de discursos, que brotam de um desejo de ser salvo da parte do próprio indivíduo, frente ao sentimento de desamparo, assim como, é também um desejo de poder frente sua miserabilidade e pequenez, saciando assim seu narcisismo e sustentando seus privilégios. Poderíamos embarcar de maneira sistemática em um método que buscaria o esclarecimento destes dois movimentos de maneira individual, ou seja, poderíamos apontar como funciona um em seguida o outro. Mas isso nos tomaria muito tempo, e esta não é nossa principal questão. Contudo, é uma questão que merece ser elucidada por hora. Dessa forma, daremos um exemplo de uma instituição milenar, e decisiva na cultura, que nos permitirá elucidar a ilusão da teleologia refletida no desejo de salvação e de poder. Estamos-nos à religião.

A maior parte, senão todas as civilizações, desde as mais antigas até as sociedades mais contemporâneas, possuem um traço em comum, a saber, a religião. Em toda organização social durante o percurso histórico da humanidade, é possível notar que em todas essas organizações civilizacionais havia a presença da religião, seja manifestada por cultos e divinização dos elementos da natureza, ou por meio de organizações religiosas que tomam como centralidade deuses complexos e antropomorfizados (Machado, 2014, p. 16).

Diante desse quadro, podemos nos perguntar: como se dá o nascimento da religião? Sendo mais pertinente ainda, por que o sujeito, funda a civilização entrelaçada com a criação da religião? Qual a necessidade? Ao iniciarmos uma breve análise, logo percebemos que estes indivíduos realizam suas primeiras buscas por respostas daquilo que não se conhece, primeiramente no além, para depois ser entendidas no aquém. Em uma angústia primitiva, vivendo uma extrema ansiedade, este sujeito busca, sem muitos aparatos, saber quem é ele, de onde veio, qual a finalidade de tudo ao seu redor, inclusive qual a razão de sua própria existência. E sem muitos dados concretos, por ter um conhecimento limitado tanto sobre si, como também do mundo a sua volta, atribui suas respostas em algo exterior que muitas vezes não passa de uma manifestação da natureza ou em algo que ele mesmo cria, mas nem ele sabe o que é.

Através dessa sugestão apresentada pelo filósofo alemão Ludwig Feuerbach, podemos deduzir que a religião é a primeira instituição a apresentar uma ideia que o homem tem de si e do mundo. Segundo Feuerbach (2009, p. 45), “em toda parte a religião precede a filosofia, tanto na história da humanidade quanto na história do indivíduo”. A religião torna-se o instrumento perfeito criado por este ser, para entender o mundo segundo sua perspectiva, mas também é uma excelente ferramenta

que serve para aplacar nossos medos, angústias e sustos diante daquilo que ainda não conhecemos, ou conhecemos, mas não sabemos nos livrar diante daquilo que provoca medo e apelamos à religião.

É possível postular a incompreensão dos primeiros humanos diante de fenômenos naturais, tais como os trovões, relâmpagos, tempestades, vulcões em erupções, dentre outros. Em um primeiro momento da humanidade, é compreensível pensar que não havia explicações científicas do que realmente estava acontecendo, pois, a ciência ainda não havia atingido seu ápice, se é que já havia nascido. Vale ressaltar que, ainda recentemente, isto é, em meados do século XVI, os detentores do conhecimento acreditavam que a terra era o centro do universo¹. Como poderia, então, saber durante os primeiros anos de existência humana o que era um fenômeno natural? Todavia, essas ações rotineiras da natureza eram e, em alguns casos, ainda são pensadas como se fossem forças superiores que agem arbitrariamente, e por isso, os homens passam a deificar a natureza, com vistas a controlá-la a partir de certos cultos. Conforme destaca Feuerbach:

Os povos mais rudes, por exemplo, na África, na Ásia do Norte e na América temem [...] os rios, especialmente nos lugares em que formam redemoinhos perigosos ou quedas. Ao passarem por tais lugares pedem perdão ou batem-se no peito ou oferecem sacrifício à divindade irada. (Feuerbach, 2009, p. 39)²

Dessa maneira, podemos perceber algo muito peculiar no que diz respeito aos cultos e, conseqüentemente, à aderência a uma religião. Estamos falando do sentimento de medo frente ao desconhecido, diante do que não se consegue explicar ou dominar. Tendo em vista esse sentimento, Feuerbach destaca minuciosamente outros sentimentos que afetam o indivíduo e o impulsionam à criação da religião, ou até mesmo à criação de Deus ou deuses. Outro sentimento primitivo que funciona para explicar essa necessidade do homem religioso é a gratidão. Toda vez que o religioso alcança seu objetivo, a gratidão o comove e fazem com que sejam realizados grandes cultos e oferendas a seus deuses. O que podemos perceber é que o sentimento religioso nos revela uma característica essencial, que é tão somente a dependência. O fato de sermos seres finitos, carentes e

¹ A revolução Copernicana constituiu-se no processo histórico que redundou na substituição do sistema geocêntrico pelo heliocêntrico.

² Aqui estamos propondo uma leitura ou releitura da palavra “rude”, posta por Feuerbach, não a partir de uma visão eurocêntrica, que por sua vez, coloca outros povos como desprovidos de conhecimento, dando assim lugar aos europeus como portadores do verdadeiro conhecimento, pois discordamos totalmente de argumentos que colocam a Europa e, conseqüentemente, os europeus, como promotores da civilização do mundo. Mas dentro dessa linha de raciocínio que estamos trabalhando, propomos a leitura da palavra “rude” como um exemplo de comunidades antigas que tinham uma relação de delegar a natureza uma ação de uma deidade ou, até mesmo, postular que os próprios fenômenos naturais são deuses.

repletos de necessidades, isto é, plenos de faltas, faz com que essas dependências, que de certa maneira passam pelo medo e pela angústia, culminem na criação da religião (Machado, 2014, p. 17).

Sentimento de dependência ou finitude são então o mesmo sentimento. Mas o sentimento de finitude mais delicado, mais doloroso para o homem, é o sentimento ou a consciência de que ele um dia acaba, de que ele morre. Se o homem não morresse, se vivesse eternamente, não existiria religião. [...] somente o túmulo do homem é o berço dos deuses. (Feuerbach, 2009, pp. 46-47)

Portanto, de acordo com o pensamento Feuerbachiano, as religiões existem na medida em que são úteis aos seres humanos e ao contexto. Os cultos nascem a partir daquilo que os deuses oferecem ao homem, seja para livrá-lo do mal, seja para garantir algo ao homem. A religião é uma criação voltada para a humanidade; ela se resume naquilo que pode trazer de benefício para aqueles que a professam. A religião não é uma ligação dos humanos ao transcendente, mas uma ligação do humano com aquilo que ele deseja alcançar. Isso é perceptível quando analisamos um culto. Não é esse suposto deus que fala aquilo que ele quer falar, mas o discurso emitido parte do desejo daquele que emite o próprio discurso. A vontade de Deus é necessariamente a vontade de quem suplica a esse Deus. Não por coincidência, o diálogo com a divindade, em alguns contextos, se nomeia como prece, ou seja, uma súplica por algo ou um agradecimento por algum feito. A relação de Deus e humano se faz por via de uma barganha, a adesão à fé em troca da prosperidade e da “salvação”. Estudar os deuses, seja qual for, inclusive o Deus cristão, é o mesmo que estudar o homem, afirma Feuerbach (2009, p. 29): “Teologia é antropologia”.

2. A relação do indivíduo com a religião e suas consequências desastrosas

Curiosamente, torna-se importante enfatizar que, para Feuerbach, a religião, especificamente o cristianismo, possui lados positivos e negativos. Do ponto de vista positivo, ela faz com que o homem se compreenda melhor. Quando o homem religioso se identifica com seu deus, ele na verdade está se identificando consigo mesmo e compreendendo a si próprio, entretanto, em outro ser (não humano). Consequentemente, podemos abstrair o lado negativo, que seria a negação de si, que se dá por intermédio da alienação³. Segundo Alves (2010, p. 71), “nisso consiste a alienação religiosa: tornar como Deus algo que, na verdade, é apenas expressão do próprio homem”.

³ Na linguagem comum, este termo significa a perda de posse, de um afeto ou dos poderes mentais. Durante a tradição filosófica, o termo alienação foi empregado com certos significados específicos. Para Feuerbach, este conceito possui uma tonalidade negativa, pois expressa aquilo que posteriormente Marx aprofundará (dentro do contexto do proletariado), que significa o processo pelo qual o homem se torna alheio a si, a ponto de não se reconhecer (Abbagnano, 2007, p. 26).

Tendo em vista que o homem é um ser pensante que reflete dialogando consigo mesmo, exercendo sua capacidade fundamental que o diferencia dos demais seres (como acreditam os modernos iluministas) e possibilitando uma ação moral, caso este indivíduo torne-se alheio a si mesmo, chegaremos à conclusão de que diante da religião, existe um risco de uma degeneração do próprio homem. Quando ocorre uma negação de uma de suas características mais elementares, que é o pensamento, onde sua ação parte não de um diálogo reflexivo consigo mesmo, mas sim nas regras postas pela religião, dada por um pseudo deus que, na verdade, é o próprio homem, este ser deixa de ser homem e torna-se uma espécie de animal adestrado⁴. A este movimento, responde Freud,

A massa é extraordinariamente influenciável e crédula; é acrítica, o improvável não existe para ela. Ela pensa por imagens que se evocam umas às outras associativamente, tal como elas se apresentam ao indivíduo durante os estados de livre fantasiar [*freien Phantasie rens*], e que não são medidas por nenhuma instância racional no que diz respeito à conformidade com a realidade. Os sentimentos da massa são sempre muito simples e muito exagerados. A massa não conhece, portanto, nem a dúvida nem a incerteza. (Freud, 1921/2020, pp. 114-115)

Como bem aponta Freud, este processo de domínio sobre a massa, funciona pois não há um exercício da racionalidade, mas sim a evocação das fantasias sobre os sentimentos da massa. Suas características, além da falta de racionalidade, é sua alta capacidade de ser influenciada, crédula, sem nenhum movimento crítico a respeito das crenças e dogmas que lhe estão ensinando, e de maneira peculiar, chamamos atenção a este último elemento evocado por Freud e destacado por nós, a massa não acredita em situações improváveis, ou seja, tudo é possível, inclusive a criação de um ser sobrenatural que lhe concederá todos os seus desejos, inclusive salvação e poder. Ainda sobre este movimento, continua o doutor Freud,

Ela chega muito rapidamente a extremos; uma vez enunciada uma suspeita, esta se transforma para ela, de imediato, em certeza irrefutável; um germen de antipatia torna-se ódio selvagem. Inclinada ela mesma a todos os extremos, a massa também só é excitada por estímulos desmedidos. Quem quiser influenciá-la não necessita de nenhuma dimensão lógica em seus argumentos; ele tem de pintar as imagens mais fortes, exagerar e repetir sempre a mesma coisa. Como a massa não tem dúvidas sobre o que é verdadeiro ou falso, e ao mesmo tempo tem consciência de sua grande força, ela é tanto intolerante quanto crente na autoridade. Ela respeita a força e só se deixa influenciar moderadamente pela bondade, que, para ela, significa uma espécie de fraqueza. O que ela exige de seus heróis é a força, até mesmo a violência. Ela

⁴ O mesmo fenômeno ocorre com movimentos políticos populistas que se convertem em regimes totalitários em sistemas democráticos. A força de um regime fascista que se ergue através de um aparato democrático, passa por um movimento de domínio através de comunidades de rebanho, ou se quiserem, em termos freudianos, o domínio de uma massa passa por via de uma psicologia das massas. Que é capaz de capturar os indivíduos, com o surgimento de uma entidade, ao se colocar em um lugar que representa as ilusões narcísicas, possibilitando um preenchimento das lacunas deixadas pelas feridas narcísicas existenciais.

quer ser dominada e reprimida e temer seu mestre. No fundo inteiramente conservadora, ela tem uma profunda aversão por todas as inovações e progressos e um respeito ilimitado pela tradição. (Freud, 1921/2020, p. 115)

O estimo das massas, e a capacidade de influenciá-la não passa por argumentos lógicos ou científicos, demonstrações experimentais, ou estatísticas, mas sua única exigência é que seja, de acordo com Freud, dominada por alguém forte. Encontramos aqui uma resposta para nossa suposição em relação ao poder, enquanto instancia decisiva para o surgimento e deus e consigo uma teleologia. Ser dominado, ou estar atrelado a um grupo ou alguém que tenha poder, poderá lhe beneficiar duplamente, tanto com a sua proteção, como, no ato de fantasiar que este poder em alguma instancia também é seu⁵.

Não distante destas afirmações investigadas por Freud em seu texto *psicologia das massas e análise do eu*, Feuerbach declara o mesmo movimento a respeito da relação entre religião e seus seguidores. Há falta de racionalidade torna-se sempre latente. Afirma Feuerbach (1988, p. 34): “a origem da religião funda-se na diferença entre o homem e o animal, ou seja, na consciência do homem: os animais não têm nenhuma religião”. Assim, o elemento que marca a diferença entre o homem e o animal é a consciência.

No processo evolutivo da história da civilização, ocorre uma passagem geográfica das “cavernas” para um certo estilo de sociedade, e em todos os âmbitos, seja na política ou na economia, na educação como na religião, o simples dá lugar ao complexo. Feuerbach percebe certa diferença nas manifestações religiosas primitivas para o cristianismo, por exemplo.

Segundo Machado (2014, p. 20), o cristianismo “se transforma em uma máquina aglutinadora de crenças, dogmas e princípios que pressupõem a construção de verdades universais e indubitáveis; aqui ela deixa de ser ‘religião’ e passa a ser ‘teologia’”. Deus passa a ser compreendido como onisciente, onipresente e onipotente, infinito, imortal e ilimitado. Um deus que cria todas as coisas, inclusive o homem, que, particularmente, Deus o faz à sua imagem e semelhança. Com certa atenção,

⁵ Corroborando com este argumento, nos deparamos com o clássico texto de Freud de 1914, sobre Totem e Tabu, onde o psicanalista alemão realça em seu mito, que na ordem primitiva, os filhos que ao mesmo tempo admiravam o pai por seu poder, desejavam também ocupar este mesmo espaço. Mas este lugar só poderia ser ocupado com o aniquilamento do pai, mas não somente, haveria a necessidade de consumi-lo. Declara Freud: “Um dia os irmãos expulsos se aliaram, mataram e devoraram o pai, e assim puseram fim à horda paterna. Unidos ousaram fazer e levaram a cabo o que individualmente os teria sido impossível. (Talvez um progresso cultural, o manejo de uma arma nova, os teria dado o sentimento de sua superioridade). Que devorassem o morto era coisa natural para alguns selvagens canibais. O violento pai primordial era por certo o arquétipo invejado e temido de cada um dos membros do bando de irmãos. E agora, no ato da devoração, consumavam a identificação com ele, cada um se apropriava de uma parte de sua força. O banquete totêmico, acaso a primeira festa da humanidade, seria a repetição e celebração daquela façanha memorável e criminal com a qual começaram tantas coisas: as organizações sociais, as limitações éticas e a religião” (Freud, 1913/1986, p. 143).

podemos perceber que há uma inversão da criação, por isso que Feuerbach aponta grandes diferenças entre as manifestações antigas em relação ao cristianismo, pois, se antes os indivíduos criavam seus deuses e empregava seus sentimentos e suas características aos deuses, agora com o cristianismo temos a promoção de um deus que transfere suas características aos seres humanos (Machado, 2014, p. 21).

A problemática se encontra na negação destes indivíduos, devido à criação de um ser insistente, por intermédio da religião, pois, para que Deus brilhe, os seus seguidores devem se rebaixar. Há uma relação curiosamente sado/masoquista entre deus e seus subordinados. De acordo com Zilles (1991, p. 108), ao projetar a si mesmo, o indivíduo aliena-se de si mesmo, gerando a divisão consigo mesmo. Então, a alienação religiosa, segundo Feuerbach, é tomar como Deus algo que, na verdade, é apenas expressão do próprio homem, ilusão, ídolo. Resta afirmar que o homem se desnatura com a religião, ou como dirá Feuerbach (1988, p. 311), “o homem sacrifica o homem a Deus”.

Deus é o ser infinito; o homem o finito; deus é perfeito; o homem imperfeito; deus é eterno; o homem transitório; deus é plenipotente; o homem impotente; deus é santo; o homem pecador; deus e homem são extremos: deus é o unicamente positivo, cerne de todas as realidades; o homem é o unicamente negativo, o cerne de todas as nulidades. (Feuerbach, 2009, p. 63)

Percebendo-se fraco, finito, imperfeito, limitado, transitório, impotente, dentre outras “decadências”, o Ser se nega para negociar com sua angústia e, conseqüentemente, projeta-se em um Ser que o “salvará” da miséria que é ser um humano. Nega-se o real, a vida e afirma-se no ilusório, na fantasia. Deus, por meio da religião, é criado para resolver os problemas dos humanos. A partir dessa perspectiva, tudo que passa a ser humano, demasiadamente humano, torna-se abominável. O que é carnal, material, do plano da existência concreta, torna-se inferior ao que é celeste. Por isso, é necessário aspirar às coisas do alto e negar a vida terrestre. O sexo, aquilo que gera prazer na carne, tudo que é associado à sexualidade e ao corpo, deve ser negado.

O homem exclui de si o mundo e com ele todas as ideias da causalidade, dependência e da triste necessidade; ele transforma os seus desejos, os interesses do seu coração em objetos do ser independente, plenipotente e absoluto, i.e, ele os afirma ilimitadamente. (Feuerbach, 2009, p. 139)

3. O niilismo, a criação da teleologia e o grande delírio coletivo

Poderíamos fazer a seguinte questão: a troco de que negarmos a nós mesmos? Com que objetivo nos desvencilhamos da nossa realidade? Em vista de qual perspectiva negamos o mundo? A resposta seria a troco de interesses próprios. É preferível negar nossa natureza, optar pela alienação em prol de um paraíso eterno, com grandes júbilos e sem miséria. Essa é a aposta da humanidade: acreditar em um Ser que o recorrerá nas horas mais difíceis, em vez de materializar e suportar sozinho sua própria miséria. De um lado, a salvação e o aconchego; do outro, a lucidez que permite um encontro definitivo com o desamparo e a solidão. De um lado o poder e o controle dos demais indivíduos por via da instituição religião; do outro, infortúnio de se deparar com a pequenez e a fragilidade da vida. Optar por um Deus que é todo-poderoso e que, acima de tudo, ama suas criaturas, pois este se revela como seu pai⁶, que o livrará de todas as angústias, é mais aceitável do que optar por aceitar nua e crua a realidade que se apresenta diante dos olhos da consciência, o vale de lágrimas que é a existência terrena.

Para ser contemplado por esse Deus, é necessário a negação da própria natureza humana. Segundo Feuerbach (2009, p. 185), parafraseando a lógica cristã: “a vida deste mundo é a vida obscura, incompreensível, que só se tornará clara no além; aqui eu sou um ser mascarado, complicado; lá cai a máscara: lá eu sou o que sou na verdade”.

Destarte, o cristianismo visa à moral como o meio e não como o fim. Portanto, o que está por detrás de tudo é o interesse egoísta dos próprios indivíduos. Ele não pauta suas ações em um agir de uma maneira desinteressada, mas sua ação pressupõe interesse de alcançar a felicidade plena, por via da salvação, e o poder, por intermédio da aproximação com o todo onipotente. Não nos esqueçamos do que nos diz Nietzsche em *O Anticristo*, em uma comparação do cristianismo com o budismo, alega ele (Nietzsche, 2008, p. 45) “O cristianismo quer se tornar senhor de *animais de rapina*; sua estratégia consiste em torná-los *doentes* – enfraquecidos é a receita cristã para a *domesticação*, para civilizar”. A chamada “natureza humana” é negada, rebaixada ao estatuto de criação e a vontade de um ser ilusório e perfeito, que mal sabem os seres humanos, este ser não passa de uma projeção de si próprio.

Adentramos aqui, nos deparamos com um terreno fértil e muito explorado por outro pensador alemão, já evocado anteriormente por nós, Friedrich Nietzsche, que nas palavras de Isadora Petry, em seu livro *Afetos em mosaico: para uma fisiopsicologia da decadência em Nietzsche (2024)* se declara o primeiro psicólogo da história.

⁶ No caso do cristianismo, a profissão de fé dos cristãos apresenta Deus como uma figura paterna.

Nietzsche ao formular suas críticas a cultura, e ao tratar da “*crítica do niilismo*”, desvincilhando o termo de toda uma tradição teórica, que utilizava deste conceito para designar algo que nega os valores supremos e, portanto, metafísicos; o filósofo astuto inverte a lógica ao dizer que os verdadeiros niilistas são aqueles que negam a vida em detrimento de dogmas e valores metafísicos. Com outras palavras, Nietzsche utiliza o conceito de niilismo no intuito de demarcar sua crítica voraz aos valores morais tradicionais e às tradicionais crenças metafísicas (Abbagnano, 2007, p. 723).

A crítica do niilismo, de acordo com Nietzsche nos leva a nossa principal questão discutida neste tópico, que é a questão da teleologia. Como afirma Petry (2024, p. 52), a criação de dogmas, finalidades existenciais, valores metafísicos, são apenas tentativas “de preencher a *lacuna* da existência para remediar o sofrimento diante da falta de *um* sentido”, ou ainda como dirá o próprio Nietzsche (2009, p. 28), na *Genealogia da Moral*, ressoando essa ideia de maneira exaustiva, “o homem preferirá ainda *querer nada a nada querer*”. Com outras palavras, o pavor da falta de um sentido seria tão insuportável, pois assim nos depararíamos com nossa profunda insignificância, fraqueza e miserabilidade, que seria preferível inclusive aceitável criar fantasias totalmente irracionais, fictícias, capazes de criar um sentido para esta pobre existência. Um pacto consubstancia seria estabelecido, e o seu preço seria um grande delírio coletivo, e eis que nasce a religião.

Continua Nietzsche,

O homem estava *salvo*, ele possuía um *sentido*, a partir de então não era mais uma folha ao vento, um brinquedo do absurdo, do sem-sentido, ele podia *querer* algo – não importando no momento para que direção, com que fim, com que meio nele queria: *a vontade mesma estava salva*. (Nietzsche, 2009, p. 28)

O filósofo alemão nos permite abrir uma pequena reflexão, ainda sobre a busca desesperada por um sentido na existência, mesmo que este seja a partir da negação da própria vida, em favor de uma que ainda está por vir. Nietzsche nos permite pensar, que a criação de algo que nos salva da nossa “condição”, não quer dizer que com isso vamos acabar com todo sofrimento da existência, ao contrário, a busca pelo sofrimento, ou simplesmente o fato de se deparar com a dor e a miséria encontra um sentido. Há uma razão especial para este sofrimento. Nada é ocasionado pelo acaso, ou pelas contingências da vida, em tudo, e principalmente na dor, há um propósito maior. O que poderia trazer profunda revolta em um ser vivente e racional, não é o fato de estar de frente com seu sofrimento, mas não encontrar sentido algum para este sofrimento (Nietzsche, 2009, p. 7).

Isadora Petry ao trazer uma profunda discussão sobre as formas do niilismo como estado psicológico nos permite compreender, que ainda que a criação de um sentido, ou um para quê, venha

embutida de um novo sofrimento, colocando-o sob a perspectiva da culpa, como será a proposta do ideal ascético, ainda assim, teríamos o maior dos ganhos que seria o preenchimento da monstruosa lacuna ocasionada por uma falta de teleologia (Petry, 2024, pp. 52-53). Declara Nietzsche a respeito do humano e sua condição:

Não sabia justificar, explicar, afirmar a si mesmo, ele *sofria* do problema do seu sentido. Ele sofria também de outras coisas, era sobretudo um animal *doente*: mas seu problema não era o sofrer mesmo, e sim que lhe faltasse a resposta para o clamor da pergunta “*para que sofrer?*”. O homem, o animal mais corajoso e mais habituado ao sofrimento, *não* nega em si o sofrer, ele o *deseja*, ele o procura inclusive, desde que lhe seja mostrado em um *sentido*, um *para que* no sofrimento (Nietzsche, 2009, p. 28)

Aos doutores da lei, aqueles responsáveis em transcrever e ditar sobre a moral e as condutas que regerão a vida da civilização; aqueles que deram o primeiro passo rumo a negação da vida por não se contentarem com suas contingências sem sentido; todos que ao perceber imediatamente suas limitações e o sufocamento da existência por via da fraqueza e finitude, todos estes, confabularam a existência do que não existe, no intuito de serem salvos. Como dirá Petry ao citar Van Tongeren (2024, p. 55) “esse mundo verdadeiro foi um construto erguido para proteger a nós mesmos da falta de sentido, do caos, do transitório”. Nasce à religião, erguem-se as máscaras e nos embriagamos de ilusões, a ponto de acreditarmos piamente em sua existência. Eis um grande delírio que beira a uma espécie de psicose coletiva, que, por sua vez, nos possibilita salvação e poder.

4. A teleologia como consolo dos aflitos: um mecanismo de defesa contra a força esmagadora da natureza

No que toca ainda sobre a salvação – projeto que como percebemos, está vinculado ao poder –, Freud também se debruçou sobre a temática, e de maneira muito específica, em seu texto de 1927, isto é, em *O futuro de uma ilusão*, o criador da psicanálise declara que as ideias religiosas surgem com a tentativa de escapar, ou se quiserem, se defender de algo que é mais forte que nós, a força esmagadora da natureza. Afirma o doutor Freud (1927/1974, p. 33), “tentei demonstrar que as ideias religiosas surgiram da mesma necessidade que se originam as outras realizações da civilização, ou seja, da necessidade de defesa contra a força esmagadora da natureza”. Ou seja, nada distante do que já havíamos posto até o momento. Nos defendemos de algo, justamente porque desejamos nos livrar desse algo.

Segundo Freud, há na vida, elementos que fogem do controle humano, e que o apavora:

A terra, que treme, se escancara e sepulta toda vida humana e suas obras; a água, que inunda e afoga tudo no torvelinho; as tempestades, que arrastam tudo que lhes antepõe; as doenças, que só recentemente identificamos como sendo ataques oriundos de outros organismos, e, finalmente, o penoso enigma da morte, contra o qual remédio algum foi encontrado e provavelmente nunca será. É com essas forças que a natureza se ergue majestosa, cruel e inexorável; uma vez mais nos traz à mente nossa fraqueza e desamparo, de que pensávamos ter fugido através do trabalho de civilização. (Freud, 1927/1974, p. 27)

Logo após essa constatação destas forças, que agem de forma imperiosa contra a humanidade, e que de maneira feroz nos faz deparar com o sentimento que mais buscamos fugir, que é o desamparo, Freud traz a pergunta certa, para prosseguir com a sua conclusão. Questiona Freud (1927/1974, p. 27), “Mas, como se defende ele contra os poderes superiores da natureza, do Destino, que o ameaçam da mesma forma que tudo que a tudo mais?” A resposta se concatena com nossa ideia, assim como está interligada as respostas de Feuerbach e Nietzsche. Nas palavras do próprio Freud,

A civilização o poupa dessa tarefa; ela a desempenha da mesma maneira para todos, igualmente, e é digno de nota que, nisso, quase todas as civilizações agem de modo semelhante. A civilização não se detém na tarefa de defender o homem contra a natureza, mas simplesmente a prossegue por outros meios. Trata-se de uma tarefa múltipla. A auto-estima do homem, seriamente ameaçada, exige consolação; a vida e o universo devem ser despidos de seus terrores... (Freud, 1927/1974, p. 27)

Com outras palavras, a civilização se defende da sua fraqueza criando algo que possa servir de consolo, fortaleza e salvação. Não à toa, um dos textos mais emblemáticos e importantes na narrativa de consolidação do cristianismo, que tem como autor um dos principais responsáveis por esta difusão, estamos falando do apóstolo Paulo de Tarso, este afirma algo que nos serve de grande exemplo. Diz o apóstolo em uma carta endereçada à comunidade cristã de Corinto, relatando um momento de dificuldade:

Já que essas revelações eram extraordinárias, para eu não me encher de soberba, foi-me dado um aguilhão na carne – um anjo de Satanás para me espancar – a fim de que não me encha de soberba. A esse respeito três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim. Respondeu-me, porém: Basta-te a minha graça, pois é na fraqueza que a força manifesta todo o seu poder. Por conseguinte, com todo o ânimo prefiro gloriar-me das minhas fraquezas, para que pouse sobre mim a força de Cristo. Por isto, me comprazo nas fraquezas, nos opróbrios, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por causa de Cristo. Pois quando sou fraco, então é que sou forte. (Bíblia de Jerusalém, 2004, p. 2029)

Um pacto com o delírio da civilização, que permitirá o surgimento da religião, permite uma substituição daquilo que é franco, pelo que é forte; do que está desamparado, pelo amparo; da dor

pela alegria; da morte, em troca da vida eterna. Nasce à religião, nasce à teleologia. Não é por acaso que o mito surge antes do exercício filosófico. A teogonia, ilustrada de maneira poética e fictícia, antecede a matemática e os silogismos lógicos. O espírito dionisíaco precede o apolíneo. A teologia chega primeiro, e somente depois, surge a filosofia.

Referências

- Abbagnano, N. (2007). *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes.
- Alves, W. V. (2010). A crítica Feuerbachiana da religião: um contributo à compreensão do conceito de alienação religiosa. *Revista Eletrônica Espaço Teológico*, 4(5), 71-76.
- Bíblia de Jerusalém. (2004). São Paulo: Paulus.
- Feuerbach, L. (1988). *A essência do cristianismo*. Campinas: Papirus.
- Feuerbach, L. (2009). *A essência do cristianismo*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Freud, S. (1913). *Totem e tabu*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- Freud, S. (1921). *Psicologia das massas e análise do eu. Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos*. São Paulo: Autêntica, 2020.
- Freud, S. (1927). *O futuro de uma ilusão*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974.
- Machado, L. G. S. (2014). Homem, religião e natureza: o projeto da filosofia do futuro em Ludwig Feuerbach. *Revista Filogênese*, 7(2), 15-26.
- Nietzsche, F. (2009) *Genealogia da moral*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Petry, I. (2024). *Afetos em mosaico: para uma fisiopsicologia da decadência em Nietzsche*. Curitiba: Kotter editorial.
- Zilles, U. (1991). *Filosofia da Religião*. São Paulo: Edições Paulinas.